

Quando o nome define: análise da relação entre o nome e a composição da personagem protagonista na telenovela, a partir de Sassá Mutema em *O Salvador da Pátria*

When the name defines: analysis of the relationship between the name and the composition of protagonists in soap opera, as from Sassá Mutema in O Salvador da Pátria

Poliana LOPES¹

Resumo

A telenovela brasileira, que completará 64 anos no final de 2015, traz, em suas narrativas, histórias que se aproximam da realidade dos brasileiros, a partir da verossimilhança e da identificação do público com suas personagens. A partir da definição, caracterização e classificação de personagem, este artigo pretende verificar e analisar a relação entre o nome escolhido pelo autor e suas principais características composicionais. As ideias de Pallottini (1989), Brait (1999), Cândido (1999) e Gancho (2000) embasam o referencial teórico sobre personagens de ficção. A análise, feita sobre Sassá Mutema, protagonista da novela *O Salvador da Pátria* (Rede Globo, 1989), considera as conexões entre personagens e políticos da época, assim como as mudanças de comportamento da personagem na narrativa, e entende que o nome escolhido pelo autor pode carregar e reforçar traços da sua personalidade, indo além da simples nomeação.

Palavras-chave: Teledramaturgia. Novela. Personagem. Rede Globo.

Resume

The Brazilian telenovela, which completes 64 years in 2015, presents in their narrative stories they approach the reality of Brazilians, from the likelihood and the identification of the audience with his characters. This article aims to verify and analyze the relationship between the name chosen by the author for soap opera character and its main compositional characteristics, from concept definition, characterization and character classification. The ideas of Pallottini (1989), Brait (1999), Cândido (1999) and Gancho (2000) underlying the theory about fictional characters. The analysis of Sassá Mutema, protagonist of the novel *O Salvador da Pátria* (Rede Globo, 1989), considers the connections between characters and politicians and the character changes in the

¹ Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale). E-mail: poli.lopes@gmail.com.

narrative, realizing that the name chosen by the author can load and strengthen your personality traits, going beyond the simple nomination.

Keywords: Soap opera. Character. Rede Globo.

Introdução

Presente no Brasil praticamente desde a chegada da televisão (a primeira emissora – TV Tupi - inaugurou em 1950 e a primeira novela - *Sua Vida Me Pertence*²- foi transmitida, ao vivo, em 1951/52), a telenovela hoje é reconhecida como uma instituição nacional³. Desde sua origem, passou por muitas adaptações, como mudanças de formato (do “ao vivo” para o VT), de periodicidade (de duas noites por semana para seis) e também de estilo (do formato aproximado da radionovela para os dramalhões fantásticos em países distantes e, depois, para histórias mais aproximadas da realidade dos brasileiros, a partir de Janete Claire), entre outras.

Uma dessas mudanças ocorreu no final dos anos 1980, quando a teledramaturgia apresentou o que Balogh (2002) entende como uma ambígua relação com o real, que estabelece a verossimilhança e colabora com identificação do público com as personagens. Segundo Hamburger (2005), a apropriação de elementos da linguagem jornalística e de eventos do momento vivido, da história e da cultura que permite a conexão entre o público e o privado, gerando o senso de comunidade nacional. Percebe-se, assim, a relevância de estudos sobre as telenovelas brasileiras, cujo enredo é realizado a partir de personagens, com destaque para o protagonista.

A partir destas considerações, este artigo pretende analisar, a partir da definição, caracterização e classificação de personagem, a existência de relação entre o nome escolhido pelo autor para o protagonista e suas principais características. Este estudo torna-se relevante uma vez que, segundo Pallottini (1989), o nome é parte fundamental da concepção da personagem e pode, inclusive, caracterizá-la mais do que qualquer outro elemento físico ou psicológico.

² Transmitida de 21 de dezembro de 1951 a 15 de fevereiro de 1952, em 15 capítulos. Teve patrocínio da Coty e foi produzida pela agência de publicidade J.W. Thompson (EUA).

³ “Hoje se reconhece a telenovela como uma instituição nacional. [...] A telenovela tornou-se uma arte respeitável em suas particularidades. Uma arte popular, brasileira, com vida própria, desenraizada dos conceitos filosóficos e acadêmicos com que tentam interpretá-la.” (FERNANDES, 1997, p.21)

Para tanto, será dado enfoque à telenovela *O Salvador da Pátria*, produzida e veiculada pela Rede Globo em 1989, ano da primeira eleição direta para Presidente pós-Regime Militar (instaurado em 1964). *O Salvador da Pátria* é uma telenovela fortemente inspirada na questão política, com referências entre personagens e políticos da época⁴ e uma eleição municipal no enredo, da qual as personagens principais participam como candidatas ou apoiando candidatos e linhas políticas.

Acredita-se que entender essas relações que perpassam o protagonista também ajudam a entender os anseios e sentimentos do público. Isto porque, como lembra Lopes (2003, p.26), “a novela [...] capta e expressa a opinião pública sobre padrões legítimos e ilegítimos de comportamento privado e público, produzindo uma espécie de fórum de debates sobre o País”.

1 A personagem de ficção

Para analisar a importância do nome da personagem protagonista Sassá Mutema, da telenovela *O Salvador da Pátria*, deve-se primeiro apreender os principais conceitos em relação a personagem, como definição, características e classificações a partir do trabalho do autor⁵ da narrativa⁶.

Estas apreensões serão usadas na análise do nome da personagem protagonista, visando relacioná-lo ao enredo e ao desenvolvimento da narrativa. Este estudo torna-se relevante porque, segundo Pallotini (1989), o nome é parte fundamental da concepção da personagem, podendo, inclusive, caracterizar a personagem mais do que qualquer outro elemento físico ou psicológico.

⁴ “Esta relação foi, inclusive, destacada pelo autor Lauro Cesar Muniz em entrevista para a Folha de São Paulo. Segundo o autor, a política em *O Salvador da Pátria* teria um político de centro (Severo Toledo Blanco), cuja imagem poderia ser ligada a candidatos influentes e com histórico político, como Ulysses Guimarães (PMDB) e Mário Covas (PSDB); uma liderança de esquerda (Marina Sintra), cujo perfil poderia remeter a Leonel Brizola (PDT); um político de extrema esquerda (o sindicalista Assunção), que pode ser identificado com lideranças como Roberto Freire (PCB) e Enéas Carneiro (Prona); e um político de extrema direita (Juca Pirama), cuja imagem pode ser relacionada a Paulo Maluf (PDS).” (LOPES, 2011, p.140)

⁵ Segundo Roland Barthes, o autor é aquele que “trabalha a sua palavra (desde que esteja inspirado) e absorve-se funcionalmente neste trabalho. A atividade do escritor comporta dois tipos de norma: normas técnicas (de composição, de gênero, de escrita) e normas artesanais (de labor, de paciência, de correção, de perfeição)” (LOPES, REIS, 2002, p.39).

⁶ A narrativa é o “conjunto de textos normalmente de índole ficcional, estruturados pela ativação de códigos e signos, predominantes, realizados em diversos gêneros narrativos e procurando cumprir as variadas funções socioculturais atribuídas em diferentes épocas às práticas artísticas” (LOPES, REIS, 2002, p.271).

Textos ficcionais contam a história de personagens: seres fictícios que representam situações reais (ou não) em determinado contexto histórico. Na ficção televisiva, personagens são um de seus elementos constitutivos, que amarram a história e se tornam peça fundamental da narrativa (FIGUEIREDO, 2003). A autora destaca que o entrelaçamento das personagens no enredo retém a atenção do espectador. As personagens têm um papel fundamental na organização das histórias, pois são elas que “determinam as ações, vivenciam-nas, religam-nas e dão sentido a elas” (REUTER, 1996, p.54).

Candido define personagem como “seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modo exemplar” (CANDIDO, 1998, p.44). Ser exemplar, para ele, não é necessariamente uma característica positiva: a personagem pode ser exemplar para o bem ou para o mal, desde que esteja integrado em um denso tecido de valores, a partir dos quais age.

Sobre a não necessidade de ser bom para ser exemplar, Pallottini (1989) lembra que há, inclusive, vilões exemplares – o que se deve também ao desempenho do ator. Isto porque a personagem é um ser humanizado recriado em cena por ambos: o autor reúne na personagem características de uma pessoa que tenha condições de existência e o ator preenche o que falta no esquema de formação (PALLOTTINI, 1989).

1.1 Caracterizando a personagem

Segundo Field (2001), as características essenciais da personagem são personalidade, comportamento, atitude, um ponto de vista e identificação – que parte do espectador para a personagem. Mas, antes de tudo, ele destaca: “a essência da personagem é a ação” (FIELD, 2001, p.31).

Para Pallottini (1989), a personagem seria uma imitação e, portanto, uma recriação dos traços fundamentais de pessoa ou pessoas, traços estes que são selecionados pelo poeta (no caso, o autor) segundo seus próprios critérios. Reuter (1996) acrescenta a possibilidade de transformar-se entre o começo e o final do romance, pois elas contam com uma espessura psicológica que não existia anteriormente.

A autora lembre que, na obra *A Poética*, Aristóteles enumerou características que toda personagem deve ter: ser boa, ou seja, bem construída para ação que desempenhará, e manter uma linha de pensamento (*diánoia*, em grego) conforme seu caráter (*ethos*, em grego). A personagem precisa fazer as pessoas acreditarem que ela existe, além de ser coerente (consigo mesmo e com o enredo) e necessária (quando seus atos não são consequentes, não há vínculo de causa e efeito entre ação e reação).

Seger (2003) também destaca a consistência, pois as personagens devem ter uma certa essência de personalidade que defina quem são e o que se espera de suas atitudes, sem necessariamente serem previsíveis ou estereotipadas. “Se uma personagem se desviar dessa essência, pode se tornar inverossímil, algo totalmente sem sentido, ou que não acrescenta coisa alguma” (SEGER, 2003, p.42).

Como fica perceptível, uma característica leva a outra. A consistência faz com que a personagem seja verossímil, última característica dada por Aristóteles. Como explica Pallottini (1989), isso não significa ser realista, ou seja, semelhante à verdade e aos fatos.

Para dar consistência ao texto, a personagem deve fazer o receptor participar dos eventos narrados, visualizar a cena e até produzir mentalmente detalhes não citados. Para dar a impressão de que vive, ela deve manter relações com a realidade, participando de um universo que se equipara com o do leitor. Segundo Candido (1998, p.45), “o leitor contempla e ao mesmo tempo vive as possibilidades humanas que a sua vida pessoal dificilmente lhe permite viver e contemplar”. A história não é contada, mas mostrada como fosse de fato a própria realidade.

A criação de uma personagem está ligada à percepção do autor, que cria pensando em elementos que fazem parte de sua vida. Independente de como se inicie a concepção de uma personagem, o processo sempre se baseará, em última instância, na experiência do autor.

Seja um amigo, alguém que observou durante algum tempo, seja você mesmo, ou até a combinação de vários detalhes – a criação de uma personagem começa por aquilo que cause uma forte impressão. Há sempre uma primeira imagem, bastante nítida, que lhe dará a noção de quem a personagem realmente é (SEGER, 2003, p.36).

Acredita-se que a possibilidade de concretização da ficção a responsável pela paixão de muitas pessoas por ela. Como explica Candido (1998), o leitor vive imaginariamente os destinos e aventuras das personagens, colocando o mundo imaginário que está apreendendo quase imediatamente em referência com a realidade exterior à obra.

A ficção é [...] um lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variados, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação. (CANDIDO, 1998, p.48)

Toda obra de ficção tem um enredo, desenvolvido pelo autor. Ele é um espaço que desenvolve histórias, entrelaça personagens e dá a sua base de vida. O enredo só existe através das personagens, que o vivem. Por isso, “enredo e personagem exprimem, ligados, o interior do romance” (CANDIDO, 1998, p.53).

1.2 A personagem e suas classificações

As personagens podem ser classificadas a partir do sistema actancial elaborado por Greimas (REUTER, 1996), o qual considera que se todas as histórias possuem uma estrutura comum, independente da ação, isso pode ocorrer porque as personagens são agrupadas em seis categorias comuns de forças agentes: o *sujeito* procura um *objeto* (que pode ser um objeto, um objetivo ou uma pessoa) e para isso conta com um *adjuvante* (que o ajuda) e um *oponente* (que se opõe a realização de seu desejo), além do *destinador* e do *destinatário* (que fazem o sujeito agir, reconhecendo o valor do sujeito e do objeto e sancionando o resultado final).

Esta classificação assemelha-se a apresentada por Brait (1985). Inicialmente, ela apresenta a divisão entre as personagens decorativas, que não têm uma função vital para o andamento do enredo (podendo ter como função apenas dar o traço local ou ser parte da apresentação de uma personagem de destaque) e as personagens chamadas de agente da ação.

Para explicar este tipo de personagem, Brait (1985) baseia-se nos estudos de Souriau e Propp, que subdividem o agente em *condutor da ação* (que dá o impulso à

ação), *oponente* (que possibilita a existência do conflito), *objeto desejado* (o fim visado, o elemento que representa o valor a ser atingido), *destinatário* (personagem beneficiada pela ação, não necessariamente seu condutor), *adjuvante* (personagem auxiliar, colabora com uma das outras forças) e *árbitro/juiz* (aquele que intervém em uma ação conflitual visando resolvê-la). Brait (1985) enfatiza que esta subdivisão é uma das possibilidades de se entender as personagens em certas narrativas: “a fotonovela, a telenovela e outras espécies de narrativa centradas nas formas tradicionais comportam perfeitamente esta abordagem” (BRAIT, 1985, p.50).

Já Candido (1998) afirma que há dois tipos de personagens: as de costume e as da natureza. As de costumes são divertidas, compreendidas com uma análise superficial; além disso, têm traços distintivos, fortemente escolhidos e marcados. Quando aparece, a personagem de costumes remete automaticamente ao traço, à caricatura. Suas características são invariáveis e rapidamente reveladas. Já a personagem da natureza tem traços superficiais, mas também os íntimos, o que impede uma regularidade. Ela tem um modo de ser mutável, com caracterizações diferentes apresentadas durante o texto.

Entre as personagens, a de maior destaque é o protagonista, definido por Gancho (2000) e Brait (1985) como a personagem principal da história, aquela que aparece em primeiro plano na narrativa. O protagonista pode ser um herói – o que tem “a tinta emocional mais viva e mais marcada” (BRAIT, 1985, p.88) e que apresenta características superiores de qualificação e função em relação ao seu grupo – ou um anti-herói – quando tem características iguais ou inferiores às do grupo, “mas que por algum motivo está na posição de herói, só que sem competência para tanto” (GANCHO, 2000, p.9).

Para Lopes e Reis (2002), o conceito de protagonista refere-se diretamente ao de herói, aquele que é a figura central da história, em função de quem a narrativa existe e se desenvolve e que, por ser o centro, destaca-se das outras figuras (personagens) que povoam a história.

Comparato (2000) define o protagonista como a personagem básica do núcleo dramático principal, podendo ser mais do que uma pessoa, como um grupo ou qualquer coisa que tenha capacidade de ação e expressão. É o caso do cachorro Rin-tin-tin, protagonista do filme homônimo.

Gancho (2000) destaca que a literatura brasileira apresenta mais frequentemente anti-heróis, que são vítimas das adversidades ou de seus próprios defeitos de caráter. Ela exemplifica com a personagem Leonardo, do livro *Memórias de um Sargento de Milícias* (Manuel Antônio de Almeida) e Macunaíma – personagem-título da obra, definido pelo próprio autor Mário de Andrade como o herói sem nenhum caráter.

Em oposição ao protagonista está o antagonista, aquele que se opõe a personagem principal por ação ou características, ou seja, o vilão da história (GANCHO, 2000). Brait (1985), que também define o antagonista como o opositor do protagonista, destaca que ele pode ser uma ou mais pessoas: há produções em que ele é um grupo de personagens, individualizadas ou representantes de um certo grupo.

A relação entre protagonista e antagonista é o vetor que move a ação de um texto. Neste sentido, Pallottini (1989) enfatiza que a própria ação do texto é pensada a partir do diálogo entre protagonista e antagonista. Para ela,

A ação deflui do conflito; duas posições antagônicas, uma vez colocadas dentro de uma peça, onde serão defendidas, pelas palavras, sentimentos, emoções, atos dos personagens, que tomarão atitudes definitivas em conseqüências de suas posições, acabarão fatalmente por produzir a ação dramática (PALLOTTINI, 1989, p.11).

O conflito, segundo Pallottini (1989), pode ser entendido a partir de Hegel, que acredita que o protagonista não deve ostentar um conjunto completo de qualidades nacionais - relativas a uma nação ou povo – mas sim ter um caráter relacionado à ação e seu fim, o qual colaborará com o desenvolvimento do caráter individual.

2 Quando o nome define: Sassá Mutema salva a pátria

Sassá Mutema foi personagem interpretada por Lima Duarte na telenovela *O Salvador da Pátria*, produzida e veiculada pela Rede Globo em 1989. Sassá era um boia-fria que viu sua vida mudar após ser acusado de um crime que não cometeu. Idolatrado pelo povo ao assumir o papel de libertador e manipulado por políticos com interesses escusos, é eleito prefeito. No final da narrativa ele se liberta dos manipuladores, assume o poder da própria vida e salva a comunidade dos desmandos de uma organização de tráfico de drogas.

Esta breve descrição permite dizer que Sassá Mutema é o protagonista da telenovela. Esta afirmação é embasada por Brait e Gancho, que definem o protagonista como o herói, aquele que, segundo Bal (2009) apresenta cinco características: qualificação; distribuição; independência; função e ter relações.

Por ser o nome parte fundamental da concepção da personagem, podendo inclusive caracterizar a personagem mais do que qualquer outro elemento físico ou psicológico (PALLOTTINI, 1989), parte-se agora para a análise do que representa o nome desta personagem.

No primeiro capítulo de *O Salvador da Pátria*, a personagem Sassá Mutema explica, na sala de aula da escola rural, a origem de seu nome⁷:

Eu sô Sassá por causa qui é Salvador o meu nome di batismo. Ieu sô di Minas. Ieu nasci na fazenda da Mutema. Intão, é por isso qui si transformo u meu nome no Sassá Mutema. Salvador da Mutema. Sassá da Mutema. Sassá Mutema. [...] A Mutema é uma fazenda grandi, fica no disimboque. [...] Era a maior fazenda qui tinha lá naquela região [...] Tinha di tudo, tinha lá! [...] Dipois, foi mingando a riqueza da Mutema, foi mingando, foi mingando, não sei porque... [...] Aí era a Mutema, esse aí foi u nomi qui, isso é du tempo du coroné Feliciano Nogueira, qui era o dono da Mutema quando qui eu nasci na Mutema, eli era u dono. Intão, ele costumava, di vez em quandu, ele chegava lá na beira da fazenda i fazia assim 'ô, qui hoji a Mutema é um fazendão, ô beleza qui é bunita mesmo!', mas não foi sempre assim não, porque era uns grotão, umas capuera, uma terra muito ruim, muito ruim, ele falava. Era uma terra muito ruim e pra isso aqui ficá uma terra boa foi preciso trabaiá dimais, foi preciso muita teima, muita teima, muita tema, muita tema, muita tema... por isso qui virô Mutema, i eu sô Sassá Mutema, di lá.

A personagem chama-se Salvador da Silva. Um salvador é aquele que salva; salvar é “por a salvo, livrar da morte, tirar do perigo; saudar, cumprimentar; defender, livrar, poupar, preservar; escapar da morte; livrar das penas do inferno”⁸. Salvador também é um nome de origem religiosa, ligado a Jesus Cristo, também chamado de salvador por ter sido enviado à Terra para redimir a raça humana⁹.

Assim, o próprio nome da personagem remete ao seu destino na novela: ele seria o enviado à Terra (no caso, a cidade de Tangará) para salvar as pessoas, o que só se cumpre no último capítulo, quando ele salva a comunidade da organização de tráfico

⁷ Transcrição verbal da sequência de cenas do DVD 1, faixa 4, 0'50" de 3'20"

⁸ O conceito de salvar foi extraído do dicionário Melhoramentos (1997, p.465)

⁹ Definição apresentada por Nelson Oliver no Dicionário de Nomes (2009).

de drogas. O nome da personagem também aparece no título da telenovela: *O Salvador da Pátria*. Pode-se entender, por analogia, que ao ser o Salvador da Pátria, o protagonista salvará não somente o Brasil, mas sim a todos os brasileiros: por isso, tem o sobrenome Silva, apontado como o um dos mais comuns no país¹⁰. Ao falar em pátria e, conseqüentemente em nação, o termo é entendido menos como território e mais como um repertório de recursos identitários, assim como a carga simbólica e emocional que o termo carrega (LOPES, 2010).

Em latim, silva remete a selva, mata, floresta e, por isso, o sobrenome se refere aos habitantes que viviam junto aos bosques ou que deles viviam, extraíndo lenha, madeira e outras riquezas que pudessem ser comercializadas¹¹. Esta referência remete à origem simples e humilde da personagem, que no início da trama trabalhava como boia-fria na colheita de laranjas – também riquezas da terra que podem ser comercializadas.

Enquanto substantivo, “silva” é o nome dados a arbustos espinhosos cujos frutos (as amoras) são comestíveis¹². Da mesma forma, a personagem apresenta, no início do trama, hábitos e modos de falar e portar-se muito simples e rudes mas, ao mesmo tempo, comporta-se como uma pessoa doce e de bom trato com as pessoas – características que podem ser relacionadas a definição do substantivo.

Quando relata a sua origem, assim como de seu apelido “Sassá Mutema”, a personagem remete à questão de posse e poder. Mutema, como o protagonista conta, é o nome da fazenda onde ele nasceu; assim, seu apelido tem relação com posse e trabalho. Ele também conta que a fazenda Mutema nem sempre foi um lugar bom de plantar e colher, tendo sido preciso muito trabalho para transformá-la na fazenda próspera que ele conheceu. Da mesma forma, a personagem, durante a narrativa, é trabalhada por seus amigos e também por seus rivais, transformando-se em um homem mais culto e educado, que no final prova ter mantido seus ideais, apesar de chegar ao poder – o mesmo poder que o dono da fazenda Mutema, o coronel Feliciano Nogueira, demonstrava sobre todos que viviam em suas terras.

¹⁰ Como exemplo, pode-se citar que entre os 4,6 milhões de assinantes de telefone da empresa na cidade de São Paulo, 295.622 são Silva. Disponível em <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/por-que-tem-tanto-silva-no-brasil>. Acesso em: 22 abr 2015.

¹¹ Origem do sobrenome silva. Disponível em: <http://ediazzi.sites.uol.com.br/sobrenomesbomediano.htm>. Acesso em: 23 out 2011.

¹² Conceito extraído do Dicionário Melhoramentos (1997).

Considerações finais

Desde o final dos anos 1980, a teledramaturgia nacional busca destacar uma ambígua relação entre ficção e realidade o que, segundo Balogh (2002), estabelece a verossimilhança e colabora com identificação do público com as personagens.

A telenovela é “um dos melhores exemplos desse drama especificamente televisivo, em que se percebe o imaginário comandado pelo princípio de realidade ou pelo real histórico” (SODRÉ, 1981, p.79). Ao tentar dizer ou representar o real, as telenovelas

Controem uma realidade através de um sistema de representações sociais. Como o discurso televisivo simula o real, suas características informativas são dedutíveis da relação que mantem com o já existente na vida social, o real já dado. Como este real é heterogêneo, o veículo usa categorias simples e genéricas, homogeneizando sua produção, que faz alusão a situações reais contemporâneas, incluindo notícias, livros e filmes em destaque na mídia. (LOPES, 2011, p.49)

Desta forma, torna-se importante estudar a existência de uma relação entre as personagens das telenovelas, com foco no protagonista, o nome escolhido pelo autor e as características apresentadas pela personagem. Como citado anteriormente, essa análise é relevante porque o nome é parte fundamental da concepção da personagem, podendo caracteriza-la mais do que outros elementos físicos ou psicológicos (PALLOTTINI, 1989).

A personagem protagonista analisada foi Sassá Mutema, da telenovela *O Salvador da Pátria* (Rede Globo, 1989). Esta personagem é identificada como protagonista por carregar as características do herói apresentadas por Bal (2009): qualificação; distribuição; independência; função e ter relações.

O nome verdadeiro da personagem é Salvador da Silva. Analisando isoladamente os termos, conceitua-se *salvador* como aquele que salva; este também é um nome de origem religiosa, ligado a Jesus Cristo, relacionado também à salvação.

Assim, o primeiro nome da personagem remete ao seu destino na novela: salvar as pessoas da comunidade em que está inserido (no final da narrativa, ele livra a comunidade de Tangará de uma organização de tráfico de drogas e também dos

desmandos de um grupo político dominante). Fazendo uma analogia ao contexto histórico em que a telenovela foi exibida, é possível entender que, enquanto Salvador da Pátria, o protagonista salvará a todos os brasileiros, ato exterior à narrativa ficcional.

Um elemento que reforça este pensamento é o sobrenome da personagem, Silva - um dos mais comuns no País. Silva, em latim, significa selva, mata, termos que remetem à origem simples e humilde da personagem; o substantivo “silva” é o nome de arbustos espinhosos que dá frutos comestíveis, definição que remete à oposição entre os hábitos rudes e o comportamento doce da personagem.

Já o apelido “Sassá Mutema” está totalmente direcionado à questão de poder e posse. Mutema é o nome da fazenda onde ele nasceu, ou seja, ele se identifica para as pessoas como o “Sassá da Mutema”, em um sentido de pertencimento.

A partir deste estudo, percebe-se que o nome da personagem pode, sim, carregar elementos da narrativa e uma significação muito mais ampla do que apenas nomear uma pessoa. O nome da personagem pode trazer, em si, uma descrição do porvir, do que acontecerá com ela durante a narrativa, em um indicativo do autor não relacionado apenas à trama, mas também ao contexto histórico da sua produção e veiculação.

Referências

BAL, Mieke. **Teoría de La narrativa**. 2. ed. Espanha: Cátedra, 2009.

BALOGH, Ana Maria. **O discurso ficcional na TV**. Sedução e sonho em doses homeopáticas. São Paulo: EDUSP, 2002.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CÂNDIDO, Antônio (Org). **A personagem de ficção**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro**: os fundamentos do texto cinematográfico. 14ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FIGUEIREDO, Ana Maria C. **Teledramaturgia brasileira**: arte ou espetáculo? São Paulo: Paulus, 2003.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000. Série Princípios.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil Antenado: a sociedade da novela**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LOPES, Ana Cristina M; REIS, Carlos. **Dicionário de Narratologia**. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2002.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação**. In: Comunicação & Educação, São Paulo, no 26, jan/abr 2003, p.17-34.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Ficção televisiva e identidade cultural da nação**. IN: Revista Alceu, v. 10, n.20, p. 5-15, jan./jun. 2010.

LOPES, Poliana. **Sassá Mutema: a construção de personagens protagonistas na teledramaturgia, a partir da Hermenêutica De Profundidade**. Dissertação de conclusão do Mestrado Acadêmico em Processos e Manifestações Culturais. RS: Universidade Feevale, 2011.

OLIVER, Nelson. **Dicionário de nomes – todos os nomes do mundo**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2009.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia: construção do personagem**. São Paulo: Ática, 1989.

POR QUE tem tanto "Silva" no Brasil? Disponível em <http://abr.ai/1G6WBBn>. Acesso em: 22 abr 2015.

REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SALVAR. [verbete] In: Dicionário Melhoramentos. 1997

SEGER, Linda. **Como criar personagens inesquecíveis – cinema, televisão, teatro, propaganda**. São Paulo: Bossa Nova Editora, 2006.

SILVA. [verbete] In: Dicionário Melhoramentos. 1997

SILVA. [Verbete]. Disponível em: <http://bit.ly/1ySfmLT>. Acesso em: 23 out 2011.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

Telenovela

O SALVADOR da Pátria. [Telenovela]. Acervo disponível em 29 DVDs.